

O sem lugar da invenção nas cenas de uma experiência de escrita

RÓGER L. ALBERNAZ DE ARAUJO¹

LARISSA SCHERER²

As questões pertinentes à invenção, tangenciando o ambiente e as cercanias que inauguram a potência de um processo de invenção, compõem uma linha que marca os pontos de uma cena de experiência de escrita. Mas como pensar em uma cena de experiência na relação como um sem lugar da invenção? Talvez pela composição imagética de um encontro que não depende de um lugar em si, mas de uma ínfima parcela de tempo, pela qual um conjunto de relações acontece pela possibilidade da vivificação de uma experiência de invenção. Esse encontro nos empurra para uma via que se ergue desprovida de certezas; uma via de errância, no sentido de que não se deseja detentora de qualquer lugar, mas requer pra si o tempo de relação possível, na composição de um paradoxo - do sem lugar da invenção. Não interessa a cena em si e sim a experiência que vem com a cena, que deriva e emana, simultaneamente, da composição inventiva que se tem em cena. Para além de criar, deseja-se inventar algo que possa ser criado, em um lugar sem lugar, que implica e envolve um tempo sem tempo.

Esse instante que parece não fazer sentido tentar entender de onde vem e para onde vai talvez seja a linha que se ergue diante dos olhos e que envolve o corpo em mil torções; um instante em que parece nada mais fazer sentido, quando o sentido

¹ Professor titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Programa de Pós-Graduação em Educação. Representante da Área de Ciências Humanas na Câmara de Pesquisa (IFSul). Líder do Grupo de Pesquisa, Diretório do CNPq/Lattes GEiSSo (Estudos e Interlocuções com o Pensamento: diferença, subjetivação e processos de criação articulados com educação e tecnologia. Mestre em Educação (UFPEL, 2002), Doutor em Educação (UFRGS, 2007), Pós-doutor em Educação (UFRGS/PNPD, 2016). Articula um método maquinatório ao pensamento da diferença, na experimentação de processos didático-tradutórios, de invenção e de transcrição curricular, em pesquisas no território da educação. E-mail: rogeraraujo@ifsul.edu.br

² Professora efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), doutoranda em Educação e Tecnologia (ppgedu, IFSul). Participa do grupo de pesquisa Método Maquinatório de Pesquisa em Educação (IFSul). E-mail: larilarischerer@gmail.com

foi enfim destituído de seu posto majoritário de sapiência, e colocado em território aberto ao sabor das sensações e das percepções imanentes ao desejo de invenção.

O sem lugar da invenção torna-se o lugar possível da própria invenção, e a cena da experiência torna-se a própria experiência de invenção. Assim, misturam-se em um único tempo que se desdobra em dois movimentos, o sem lugar da invenção, que a invenção cria em potência, e a cena da experiência, que se torna o sem lugar da invenção que a invenção vivifica.

Ponto de entrada

A necessidade de ter que escrever um texto pode produzir uma dose de ansiedade. De algum modo, essa posição de responsabilidade acerca de texto faz perceber a precariedade que se pode ter em estabelecer essa relação, não só com o que se pretende dizer, mas, principalmente, com “como” se quer dizer. Enquanto se escreve, imagens são projetadas no preenchimento de um vazio que marca um pré-instante, ou talvez se tenha de antemão um plano preenchido, do qual se faz necessário aproximar, enxergar, manusear; de qualquer modo, produz-se um tipo inércia que inibe o movimento de invenção, envolvendo-o em uma necessidade fundante que passa pela escolha entre um pré-instante vazio (nada), ou um pré-instante cheio (tudo), cada qual ao seu modo, produzindo o seu conjunto de amarras no percurso de deslocamento pelo desconhecido. A isso, sucede o instante em si que implica à construção de um contínuo de cenas, que tentam antecipar o momento inevitável, no qual uma escrita encontrará uma voz e a escuta de um leitor, em um movimento que pressente e prescinde de um “povo por vir”. Ou seja, entre esse pré-instante, nebuloso e indiscernível, o qual inaugura o desejo de um texto, e a possibilidade de sua escrita, acontece uma distância pregressa, que só pode ser cumprida pelo deslocamento sucessivo por entre atos de invenção.

Pensa-se, desse movimento de salto no vazio de uma possibilidade de escrita, atravessado pelo momento outro, em que ainda se pensava no que escrever, e a escrita acontece em ato, ou seja, nesse momento. Essas desarticulações de tempo e de espaço só fazem aumentar o tensionamento entre uma necessidade que se impõe e a estratégia que se faz necessário inventar para, minimamente, dar conta daquilo

que se deve, na relação com aquilo que se pode dizer. Parece que o texto foge, quanto mais dele se deseja ficar mais próximo.

Talvez por ser uma experiência que compõe um lugar pouco seguro; esse lugar de uma escrita sem lugar; essa necessidade de invenção de um texto, que ainda não é. Afinal, um texto propõe em si um colóquio. Um texto deseja em si um colóquio e, por esse extravasamento, se escreve em voz alta. Ouvir a voz da escrita abre possibilidades de escrever de um outro modo: com a língua próxima aos ouvidos. E, ambos convivem muito bem; a língua ouve e o ouvido fala.

Alguns podem pensar que tudo isso acerca da escrita, até mesmo essa escrita, não passa de delírio. Um delírio? Por que pensam que essa escrita possa ser um delírio? Porque ela traz o que escuta e vê, o que sente e pensa, ali, onde dizem, nada há para ser visto, ouvido, sentido ou pensado? Porque uma escrita fala de um lugar sem lugar aonde se encontrava até então? Precisar-se-á então gaguejar até poder se esgueirar da língua aprendida como adequada, como lógica, como acadêmica? Investir-se-á em um silêncio, da voz e dos ouvidos, para poder violentar a linguagem, e construir um percurso dizível das coisas que se puder encontrar por entre os rastros das grandes pegadas deixadas à volta, por palavras arruinadas pela representação, palavras apodrecidas pela interpretação. Assim deseja-se experimentar poder construir um outro modo de enunciação, que toma corpo à medida que fala e cala, que olha e escuta, que lê e escreve.

Uma escrita-fala que advém do desejo. O desejo de escrita que se compõe como fala de experimentação, do experimentar escrever, do experimentar falar. Escrever e falar da experiência de dentro da própria experiência. Um modo de privação momentânea da razão, pelo investimento imediato no duplo sentido do desejo, que pela ausência do saber, experimenta uma outra dimensão do poder. Aqui se faz uma outra marca: o combate a um discurso da ciência, que descaracteriza o desejo, por tê-lo como não-científico. Para a ciência, o desejo não tem sentido, não segue um caminho científico-metodológico que possa produzir “coisas de verdade”. Ou seja, o desejo não pode ser aceito como algo verdadeiro na relação com o discurso científico, então, ele é excluído do pensável, em uma manobra que nega o trabalho do pensamento, nomeando-o como erro.

Pratica-se uma exclusão moral, em nome da verdade: "Tu não trabalhas, como podes te dizer com direito à produção?" A ciência rejeita o desejo, não fala com ele; nega o saber que o desejo tem do mundo. A psicanálise delimita o desejo por considerá-lo abstrato, confuso. Para a psicanálise, a fala do desejo tem duplo sentido: o sentido daquilo que ela fala, mas que não sabe o que fala; e, o outro sentido, o oculto, decifrado só por quem o escuta e o interpreta. Assim, o desejo é incluído para dentro do pensável, mas apenas como desvio, como delírio. É uma reclusão política, em nome da verdade. "Tu não sabes, como podes te dizer com direito à enunciação?" A psicanálise aprisiona o desejo, finge falar com ele, e nega o saber que o desejo tem de si.

Mas por que falar em desejo? Talvez, porque o desejo seja este sem lugar da invenção, este espaço-tempo de relação incontido, que adentra a cena da experiência de escriteira, contrariando a ordem do concreto, contrariando a ordem da verdade.

Deleuze investe no desejo como elemento maquínico. Máquina desejante que coloca o capitalismo e a esquizofrenia como marcos equidistantes de limites indesejáveis; deslocamento que investe na possibilidade de um funcionamento; investe na produção de agenciamentos. No abecedário, Deleuze diz do desejo:

Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto de uma saia, de um raio de sol... CP: De uma mulher. GD: de uma rua. É isso. O agenciamento de uma mulher, de uma paisagem. CP: de uma cor... [...] É construir uma região [...] O desejo é construtivismo (Deleuze; Parnet, 1989).

A amizade é um agenciamento. Escrever é um agenciamento. Escrever é uma amizade e a amizade é uma escritura. Deleuze e Guattari valem-se do desejo como estratégia de escrita; constroem agenciamentos que passam entre eles, ocupando-se das possibilidades de produção de diferenças, precisamente pela experimentação das diferenças de potencial entre eles. De algum modo, o desejo ri do teatro que a ciência e a psicanálise encenam; ri das verdades só pensáveis por modelos construídos, e que no final das contas, são modelos, que são pensamentos tão delirantes quanto os seus. E é aí que o desejo toma outro rumo; o desejo descarta os modelos de pensamento e experimenta. A fala do desejo é a fala de um sem lugar da

invenção, que não garante uma cientificidade e nem se importa de delirar, e, ainda, poder ser a cada vez um outro, contanto que a exigência esteja na possibilidade de uma nova cena, de um novo lance de dados (Deleuze; Guatarri, 2011a).

E, aqui escolhe-se o desejo como porta de entrada, talvez porque ele já tenha escolhido essa escrita enquanto voz para tentar dizer desses deslocamentos do pensamento, destas idas e vindas, dos encontros e dos desencontros, dos percursos e dos caminhos, do mal visto e do mal dito. Nesse sentido, pode-se considerar *O Anti-Édipo* como o próprio livro do desejo, por mais impróprio que isso venha a ser à psicanálise, aos bons costumes, aos corpos dóceis, aos príncipes encantados, aos cavalos brancos, aos foram felizes para sempre.

[Abre-se aspas para Mônica]

Adorava os desenhos animados de Walt Disney! Quando criança adorava! Cinderela. Branca de Neve. Gata Borralheira. Tenho o quanto eles acariciaram minha vida! Hoje, um modelo de vida, de família, dos relacionamentos amorosos. Tenho vontade de esquecer. Frequentemente. Mais à frente. Expectativas! Conjecturas. Hoje talvez matasse Walt Disney. Essa mensagem açucarada! Induziu a fabricar tantos castelos de papel crepom! Como fico amarga! Cobro tantas atitudes que não tenho. Acho que sou um discurso silencioso. Rabugento e silencioso! Sei o que gostaria de ser. De fazer! Parece tão distante. Quase um sonho. Como é bom sonhar! Minha vida mais parece um pesadelo! Acho que já disse isso! Ou algo parecido com isso! Já não vejo mais desenhos animados. Eles me soam infantis. Tenho filhos. Dois. Um casal. Lindos! Adoram desenhos. Veem inclusive os da minha época. Tenho saudades dos tempos de criança. Já não espero mais o príncipe encantado. As esperanças já não mesmas. Casei. Há muito. Vinte anos. Passou tão rápido. Teria de fazer na ponta do lápis. Nunca gostei de matemática! A professora não ajudava. Nem um pouco! Recordo daquele rosto sisudo. Os cálculos eram a sua cara! Que lembrança esquisita! Saudades daquele tempo! (De Araujo, 2007)

[Fecha-se aspas]

Nesse jogo de mostrar e de esconder, criam-se personagens. Alguns incorporam-se à luz do dia, outros resguardam-se com o silêncio da noite. Com alguns trocam-se ideias, resmungam-se descontentamentos, afirmam-se posições, ocupa-se um espaço e um tempo por entre os dias e as noites. De um modo, por vezes solitário, exerce-se o desejo da vida e inventa-se deslocamentos pelos percursos possíveis, traça-se linhas retas, mas, persegue-se as curvas, as esquinas, os

desvios; adora-se vagar em pensamentos soltos, que saltam sem nem pensar, apenas porque desejam, sem nada e a ninguém dever, simplesmente, devê-lo. Mas, nem sempre é possível! Afinal, com Deleuze e com Guattari pode-se, minimamente, abstrair o sentido de que um ato de pensamento é um ato de violência, na direção de uma marca que insere a ruptura, o deslocamento abrupto, a mudança de percurso, para qual o corpo e o entorno do corpo, nem sempre estão preparados. Blanchot, também tangencia a relação entre pensamento e violência e alerta que “Quando há violência, tudo é claro, mas quando há adesão, talvez haja apenas o efeito de uma violência interior que se esconde no seio do consentimento mais seguro” (Blanchot, 1987, p. 50).

Pois é, pensar pode doer, pois demanda trabalho, demanda potência; e isso, nem sempre é cômodo, nem sempre é fácil. Mas quem disse que viver é fácil e que um final feliz aguarda sempre aqueles de bom coração? Muitos dizem ao longo do tempo, por muito tempo, que se acaba por acreditar do dito, cria-se o mito e pronto, está-se inserido em um circo de si.

623

Um bocado escondia por entre as linhas! Dizem. Escrevia sem! Nem desconfiavam! Tinha sempre um ponto esticado. Achava bem. Caneta e papel. Cadeira à tarde no fim de onde fugir! De onde voltaria sem castigo, esquecido de onde pensaram nunca sair. Quanto entardecer! Amigos! Cores! Lugares! Corria que brincava! Bebia que amava! Dobrava a capa por sobre o branco! Mesmo banco. Se quisesse fugiria! Voltaria sem que notassem um passo! Passariam os dias! Passariam ao lado, por baixo! Menos doeria assim! Dizem que assim diria. Que dizia! Calado. Dia em que nunca voltou. Dizem. Noite em que nunca partiu! Contam (De Araujo, 2007).

Personagens. Alguns desses que vêm sem saber de onde. Esse não se sabe. Talvez não esse, e sim essa, essa voz taciturna que ricocheteia em pensamentos recorrentes, que não cansam de questionar as coisas, mas também as palavras que nomeiam essas coisas. Intercessores que se inventa e intercessores que inventam. Esse-essa, personagem-voz, apareceu um dia, talvez em uma noite e sem palavra sequer corporificou-se. Meio esquivo, meio neurótico, por vezes afoito, por outras de outro mundo. Talvez, o desejo do outro o tenha encontrado, aquele que não reflete o rosto no espelho e diz de si o que não se deseja dizer. Talvez um não-ser na

cena da experiência de poder experimentar não ser, sem culpa, sem ressentimento, sem consciência.

Em um retorno a *O Anti-Édipo*, pode-se pontuar que o percurso de uma escrita que investe em um conjunto singular de acontecimentos, foi potencializado pelo desejo. De algum modo é isso, pode ser isso: o sem lugar da invenção é um artigo indefinido, um tempo, um espaço, uma escolha; isso, sucessivamente, encadeado a um *continuum*, que retorna ao seu prazer, mas não sem deixar o rastro das cenas da experiência, das coordenadas dos encontros e dos desencontros. Pensa-se que esse personagem pode auxiliar com isso e, ao seu modo, funcionar como cartógrafo de um tempo e de um espaço por onde já não se passa, talvez por onde nunca se passou; todavia, com ele, toda essa loucura, por vezes, pode passar a fazer um pouco de sentido.

Quatro horas. Madrugada. Sem sono anda de um lado a outro. Três passos. À direita. Antes. Três à esquerda. Cantarola pensamentos que não cessam. Intensos proliferam em vozes simultâneas. Ruído. Estômago retorce. Fome. Tem fome. Quatro horas da manhã. Catatônico se apodera do mundo. Sente-se veloz. Olhos pouco enxergam. Retos e obtusos fitam um nada na linha do horizonte. Dor. Cabeça dói. Estranheza. Percebe a falta de algo. Um débito de associação ilimitada. Pensa. Tempo perdura e perde ritmo. Ritos e signos. Mitos. Gritam aos ouvidos. Fecha os olhos. Próximo minuto. Mente! Tempo todo. Toda parte. Muito. Mente muito. Quer o que acha não pode. Desiste. Dorme. Sonha. Continua com sede. Não aventura. Adormece com fome. Morre mais um dia que não viu passar (De Araujo, 2007).

624

E essa é bem assim, intempestiva e repetitiva. Fala, fala, fala. Fala todo tempo sem parar. E quem tem que parar são os outros, para escutar que ela fale. Essa também não “se sabe” de onde saiu. Apareceu falando um dia e nunca mais parou de falar. Vive grudada aos ouvidos e, por vezes, precisa-se fazer um esforço e tanto para escutar outras coisas, que não sejam seus lamentos, suas lembranças, sua dor disfarçada em ironias.

E por falar em palavras, elas parecem adquirir movimento próprio quando se escreve. Passa-se a não bem saber se pensa e escreve, ou se escreve-se e pensa-se. Não se sabe, isso acontece; a palavra acontece como atualização de toda a potência que ruma as entranhas até um limite em que transborda e pinga em palavra. Talvez isso, talvez não.

Voltando a Deleuze e Guattari, afinal essa é uma escrita que pressupõe um encontro acadêmico, mesmo que seja sem lugar, que fale de invenção, de cena, e de experiência e tenha a necessidade de um rigor. Ou seja, esses autores funcionam como intercessores desse texto. Eles ajudam a pensar, pensam a escrita, discordam dela, aparecem aqui, desaparecem acolá. Poder-se-ia dizer de outro modo, que D&G³ compõem essa máquina-pensamento, que se conecta a uma máquina-escrita, em um processo de produção de produção, de pensamentos e de escritas; de escritas e de pensamentos. D&G, então, são uma parte ao lado de outras partes que compõem esse sem lugar da invenção, que maquina cenas de experiências, de sensações e de sentidos. Eles funcionam enquanto personagens conceituais e figuras estéticas, desse plano imanente e compositivo, que preenche e ocupa uma imagem de pensamento que se deseja escrita. Esse e essa, esses trocam ideias com D&G, articulam sentidos e dissipam sensações. E, por quê, não? Afinal, isso, essa escrita, não é um colóquio?

Em um outro retorno, a algo que já foi dito, mas que se necessita dizer outra vez, talvez com uma forma um pouco diferente, mas, *O Anti-Édipo*, na compreensão dessa escrita-fala compõe-se como um obra que deseja o desejo; não esse desejo do consumo desmedido, do fetiche da marca, ou do comparativo com as posses e o gosto do outro; nisso, D&G são lacônicos, e sem trocadilhos com Lacan, mesmo que essas trocas estejam espargidas pelas páginas que compõem a obra; nesse caso, o desejo é funcionamento, aliás não é, mas produz-se como funcionamento, produz-se enquanto funcionamento. Uma máquina funciona!

Em *O Anti-Édipo*, D&G diagramam um programa de procedimentos de criação, operando com o conceito de desejo maquínico, que eclode com uma proposta de esquizoanálise. No lugar das lembranças e das reminiscências neuróticas de um tempo perdido, um processo esquizocriativo da possibilidade de um tempo redescoberto. Ao invés da psicanálise edipiana, a possibilidade de uma esquizoanálise anedipiana. Com esse desejo explicitado e esmiuçado, na composição de uma cena de experimentação sem lugar, D&G arquitetam a criação de *Mil Platôs*, ainda no tensionamento do agenciamento entre capitalismo e esquizofrenia. E a

³ A partir daqui, passamos a utilizar a sigla D&G ao nos referirmos a Deleuze e Guattari.

obra ressoa como a experimentação de um percurso, cuidadosamente mapeado e diagramado pelo desejo imanente de um ato de diferença, de um ato de invenção.

Quatorze placas de uma composição territorial, que articula diferentes meios de relação entre coisas do mundo, coisas da vida, coisas da terra. Um conjunto de quatorze planos de diferenciação, cada qual exercendo uma atitude singular envolta por entre agenciamentos maquínicos, agenciamentos territoriais, agenciamentos enunciativos; conteúdos e expressões; sedentarismos e nomadismos. Uma imanente composição eminentemente geográfica.

E como quem move uma primeira peça em um tabuleiro ainda desértico, D&G, em um entrelaçamento a quatro mãos, estendem um plano na direção da produção do conceito de rizoma. E, por esse conceito, investem em uma estratégia maquínica de produção de deslocamentos inventivos, que questionam, transformam, traduzem e transcriam: as posições, os movimentos, as verdades e a vida.

Escrevemos *O Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 17).

626

Digamos que D&G, de um modo muito peculiar, produzem uma entrada bastante kafkiana, emaranhada à possibilidade de uma composição rizomática do pensamento, em um agenciamento com a produção arborescente. D&G mordem a jugular do dogmatismo do pensamento e expõem todo um sectarismo e uma linearidade do pensamento ocidental, binário e maniqueísta. Dito isso, chama a atenção não somente o conteúdo da discussão, mas a forma como isso se expressa, qual seja, a partir do agenciamento entre o conceito de rizoma, pinçado da botânica, e o conceito de árvore, elemento conhecido e presente no cotidiano social, desde a mais tenra infância.

D&G compõem uma didática-tradutória do pensamento. Didática-tradutória que opera não uma sistemática de oposição entre concorrentes, e, sim, a produção de um território de relação. De algum modo, o rizoma e a árvore funcionam como peças de um mesmo tabuleiro, no qual as regras, os movimentos, os motivos, ainda não se encontram definidos e tornarão efeito de superfície, precisamente, pelas relações possíveis do jogo que acontece. Para quem joga, talvez algumas percepções possam começar a ganhar forma, afinal, em uma primeira vista, um rizoma e uma árvore tem atributos, absolutamente diferentes. O que D&G propõem, todavia, transcende a aparência e ganha força na diferença das relações de funcionamento entre elas. E eles o fazem com o sentido de mapear um processo de pensamento, de traduzir os entreatos que compõem cada percurso.

D&G operam uma didática da tradução (Corazza, 2016) de como o pensamento funciona. A imagem de uma árvore na cabeça de um homem ocidental corrobora com uma noção didático-tradutória que, em um processo de resistência, cavouca a ideia representacional do que é uma árvore e do que é um rizoma e não descarta o caráter representacional envolvido, mas pelo contrário, leva isso a um limite, pela exploração dos movimentos que cada peça do jogo tem potencial de afirmar.

No caso, a árvore se move sempre à frente, operando uma bifurcação que dispõe a possibilidade de um caminho à direita ou à esquerda, galgando sempre uma posição acima, operando sempre pela escolha de um caminho que exclui, obrigatoriamente o outro. O rizoma não tem um movimento definido, apenas ocupa o espaço que encontra; não cresce, alastra-se; não tem raízes profundas, nem um tronco frondoso e estável, mas apenas radículas deslizantes que proliferam à superfície, tomando o espaço e o tempo disponíveis. Ora, em um movimento didático-tradutório poder-se-ia projetar que o pensamento também pode funcionar a partir destes dois modos de relação.

No caso, o homem ocidental, ao qual D&G se referem como possuindo uma árvore na cabeça, tem um pensamento que funciona sempre com o olhar em uma linha do horizonte, mesmo que não saiba bem onde fica. Mas, acredita que, pela classificação e pela seleção entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, entre o bom e ruim, pode ascender, desenvolver, procriar, prosperar e se estabelecer. Ou seja, um pensamento que se movimenta com o olhar focado no prêmio de um futuro

prometido, contanto que siga as regras do jogo, fazendo as escolhas certas, escolhendo a verdade, ficando do lado do bem. Um pensamento que tem um caminho definido, bem traçado, planejado e idealizado, devendo apenas ser trilhado, conforme o esperado, conforme o determinado.

Com o rizoma, pode-se, a partir de uma tradução livre do que expõem D&G, arguir que o pensamento adquire um modo de funcionamento diferente, adentrando o percurso que se oferece em relação, alastrando-se e ocupando os espaços possíveis. De algum modo, o funcionamento rizomático impõe um pensamento do presente, um pensamento do acontecimento que agencia com as condições de possibilidades; não se movimenta por exclusões sucessivas [ou, ou, ou, ...], mas em um contínuo inclusivo [e, e, e, ...]. Isso modifica sobremaneira não somente a ordem das relações que se estabelecem, mas a própria natureza dessas relações, que passam a ocupar a superfície à busca de novas e outras conexões. O pensamento rizomático não anseia um futuro, não se mantém em um determinado caminho, não é viajante, produz-se andarilho; não cria fantasias de realidade, mas pode fabular as realidades de uma criação.

628

Com o platô do rizoma, D&G tensionam uma questão recorrente, qual seja, a necessidade da criação de possibilidades de uma reversão da imagem dogmática do pensamento, que de um modo bastante simples compõe-se como àqueles princípios e preceitos que definem, não somente o que se deve pensar, mas também, como se deve pensar. Ou seja, o dogma de pensamento torna o pensamento devedor, tanto do conteúdo quanto da expressão do modo de pensamento determinado. E isso define um regime de exclusão, pois sustenta a existência de um modo certo de pensar e, por consequência, um modo errado. Disso decorrem outros processos exclusivos, os quais sustentam e ampliam o sistema de seleção e de classificação, que acaba por definir a loucura e a normalidade, o delírio e a sensatez, mas também, a alegria e a tristeza, o certo e o errado, o belo e o feio; em suma, essa imagem dogmática do pensamento, calcada em um modo binário-arborescente de significação, constrói um gabarito de correção, que diz ao ser o que esse deve ser, a cada escolha necessária.

Com isso, o ser não necessita pensar, mas apenas reconhecer a ocorrência para acionar a opção correta correspondente, o que transforma o pensar em um modelo

de reconhecimento de padrões; algo próximo ao que a Inteligência Artificial conceitua como “IA reativa”, ou seja, aquela inteligência que, a partir de um determinado reconhecimento de padrão, aciona um comando correspondente, que reage a determinada situação, atuando conforme uma definição anterior formalizada. Algo bem próximo a um sensor “bate e volta” de brinquedos do século passado, ou de “autômatos programáveis”, como robôs, ou acionamentos inteligentes em veículos automotores.

O que fica como rastro de um deslocamento pelo plano rizomático, pelo platô do rizoma, é uma sensação, uma percepção e até um sentimento de que se torna estratégico, principalmente em um mundo contemporâneo globalizado e midiaticizado, que se façam investimentos de pesquisa, de estudos acerca dos modos de produção do pensamento. Talvez, essa seja uma questão premente e inadiável, principalmente neste momento da contemporaneidade, afinal o que está instituído está, mas o pensamento que pode ser instituinte de uma nova instituição, ainda está por vir. Cabe, então, como ato de resistência, poder participar das séries instituintes do poder, produzindo séries divergentes, mas também séries convergentes; o nômade não foge para a floresta, ele foge no próprio deserto, foge no mesmo lugar; reinventa seus percursos; não adota outros caminhos.

Parece que D&G cumpriram seu programa de um modo que cada platô que se sucede cria a possibilidade de um outro território, e os agenciamentos permanecem tensionando forças, criando um “entre”, no qual algo, a qualquer momento, pode vir a passar, talvez na conquista de uma possibilidade de diferença. E cada um dos quatorze platôs pode vir a compor um procedimento em um outro agenciamento, em um outro território.

Cada platô funciona por um conceito, produzido por entre séries sucessivas de acontecimentos. Cada platô constitui um sem lugar da invenção e uma cena de experiência de escrita. Os platôs, neste caso, são a corporificação do desejo de D&G; um conjunto de conceitos, um conjunto de procedimentos, um desafio de funcionamento. Os platôs são intercessores deste sem lugar da criação em que se delira mundos, movimentam-se diferenças e não se sucumbe a repetição do mesmo. Neste caso, apenas uma passagem rápida pelo rizoma, mas cada nova entrada em mil platôs pode ser feita por outra via. De um certo modo, cada um dos platôs

funciona como uma entrada de um dos túneis da toupeira de Kafka. Assim, pode-se em uma sensação musical de desejo, traçar um percurso de entrada no ritornelo e, e alguns instantes, pode-se já estar fabulando ritmos, mas também estratégias, criações, deslocamentos, territórios. Trata-se de uma questão de movimento, de sair do lugar, de relegar o horizonte e colocar o pé na terra, e nessa terra revolver a diferença, experimentar uma atitude afirmativa, uma atitude inventiva.

Os personagens passam entre agenciamentos, e tomam a superfície como intensidades desejantes. Alçam suas vozes. Deslocam seus corpos fabulatórios em territórios sem lugar. Deliraram seus mundos sem pudor.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guatarri, 2011b, p. 48).

630

[Abre-se aspas pra Elle]

Uma ideia se faz sempre em rascunho. Passar a limpo se tem nas bordas de um passar do tempo. Contorna um caminho que se faz em disparada. Uma coordenada. Fugidia, troca de lugar a cada investida. Reveste o tempo de um espaço sem lugar. Quando deixa de ser rascunho e se nomeia assim, sucumbe cambaleante a um regime de verdade. (De Araujo, 2007)

[Abre-se aspas pra Ella]

Como se ouve uma voz que se escreve? Como se pode sonhar com um sonho? Como se pode dançar com uma dança? Como se pode? Esse pode reflete o quê? Um quê? Vem de onde? Pra onde vai? Vai sem dizer? Diz e não se escuta? Sabe o que diz? Não sabe se diz? Sabe-se menos quanto, um pouco quando... (De Araujo, 2007)

[Abre-se aspas pra Outtro]

Linda vida sem retorno vida que se quer viver linda vida colorida de som acelerado do gosto de um dançar vida que se quer inteira que vem em partes vezes tão pequenas que é impossível nomear em vida

abraço vida de uma noite de um dia vida um em vários que se perdem no início sem sequer um passo menos um laço em queda livre no abismo baixo da vida que se olha pra cima sem ter o que dizer vida que concerne a cisma de repetir a vida sem nada fazer nas linhas que se escrevem e na sorte apagam morte enforcam desejo subsumem desespero um destempero de um salivar vida em uma palavra vida da qual muitos dizem ela vida menos nem sabe muito e sabe menos dizer ainda menos se é se foi um dia se continua vida em linha linda não sabe sente que essa vida retorna diferente cada noite cada dia sem saber (De Araujo, 2007)

[Fecha-se aspas pra Elle]

[Fecha-se aspas pra Ella]

[Fecha-se aspas pra Outtro]

[Uma linha de recursividade]

Sem início e sem fim, sem origem e sem destino, entra-se e se sai de uma duração infinita e contínua de um tempo que, para além de qualquer coisa, no limite do homem, simplesmente retorna pela eternidade.

631

Referências

BLANCHOT, Maurice. *Foucault como o Imagino*. Lisboa: Relógio D'Água, 1987.

DELEUZE, G.; PARNET, C. O abecedário de Gilles Deleuze. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris, 1989. Disponível em: <https://askesis.hypotheses.org/918>. Acesso em 25 jun. 2025.

DE ARAUJO, R. A. *1/2 dia 1/2 noite*. Porto Alegre. Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007, 159 p. [Tese de doutorado].

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo* capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011b.

CORAZZA, S. M. “Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, 2016.

Submissão: 30. 06. 2025

/

Aceite: 14. 07. 2025